

V!RUS10

>DIY//
DO IT
YOUR
SELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
vnomads@sc.usp.br

Bricolagem urbana: arte de apropriação temporária e imaterial do espaço urbano em Viçosa, MG. Luciana Bosco e Silva, Liz Fagundes Oliveira Valente, Victor Brandão Motta e Alice Zarantonelli Ildefonso

Como citar esse texto: BOSCO E SILVA, L.; VALENTE, L. F. O.; MOTTA, V. B.; ILDEFONSO, A. Z. Bricolagem urbana: arte de apropriação temporária e imaterial do espaço urbano em Viçosa, MG. **VIRUS**, São Carlos, n. 10. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus10/?sec=5#sect51>>. Acesso em: dd mm aaaa.

Luciana Bosco e Silva é arquiteta e Doutora em Artes, professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa, onde coordena o grupo de pesquisa ARQMnese, desenvolvendo pesquisa sobre práticas espaciais, focando em percepção e composição formal do ambiente construído.

Liz Fagundes Oliveira Valente é pesquisadora no grupo de pesquisa ARQMnese, da Universidade Federal de Viçosa, MG.

Victor Brandão Motta é pesquisador no grupo de pesquisa ARQMnese, da Universidade Federal de Viçosa, MG.

Aline Zarantonelli Ildefonso é pesquisadora no grupo de pesquisa ARQMnese, da Universidade Federal de Viçosa, MG.

Palavras-chave: V!10, *Do It Yourself*, arte urbana, espaço público, urbano

“Os significados da arte urbana desdobram-se nos múltiplos papéis por ela exercidos, cujos valores são tecidos na sua relação com o público, nos seus modos de apropriação pela coletividade. Há uma construção temporal de seu sentido, afirmando-se ou infirmoando-se. Assim, tais práticas artísticas podem contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no urbano, assim como podem também rever seus próprios papéis diante de tais transformações: quais espaços e representações modelam ou ajudam a modelar, quais balizas utilizam em suas atuações nesse processo de construção social.” (PALLAMIN, 2000, 19).

Engajar as pessoas no desenvolvimento urbano é um desafio imanente. Estruturas municipais e normas possuem, de forma geral, uma linguagem distante do cotidiano dos cidadãos. Portanto, baseado nos princípios de educação e pesquisa, o movimento cultural e artístico nominado Bricolagem Urbana (BU) surgiu ocupando esta lacuna, isto é, transformando a realidade do discurso em ações palpáveis. Nele estão evidentes os conceitos de acessibilidade e coletividade em favor do desenvolvimento urbano.

Para Lefebvre “ocupar espaço significa expressão dos relacionamentos sobre os quais toda a organização social é fundada.” (LEFEBVRE, 1992, p. 22). Nesse sentido pode-se dizer que o espaço é orgânico, nele acontecem as relações entre os grupos, entre os membros dos grupos, entre ‘sociedade’ e natureza. Nele se dá a reprodução da vida. Sem o espaço não há vida nem identidade. Varnelis acrescenta que “os lugares estão repletos de identidades individuais, linguagem, referências e regras não formuladas” (VARNELIS, 2006) que são os elementos identitários fundamentais para construção do *self*. Relações diretas com o espaço, usos e acontecimentos cotidianos são manifestações de apropriação deste.

Percebe-se que a identidade espacial pode impulsionar uma relação ativa de cuidado com o lugar. Fatos como traços de um campo de futebol desenhados na rua ou uma minibiblioteca pendurada em uma árvore de um bairro residencial, são obras de cidadãos ativos que fazem do seu próprio ambiente urbano aquilo que necessitam ou querem. O abandono da postura de ‘usuário’, que consome as cidades, é a essência da cultura emergente denominada *DIY – do it yourself* (faça você mesmo). A cultura DIY diz ‘não’ a ideia de que há uma resposta estabelecida, e ‘sim’ ao empoderamento individual em favor do desenvolvimento.

“a ética do Do It Yourself (DIY) busca vencer a ideia de que proverão por nós. Nós proveremos por nós mesmos, por meio da educação mútua, das decisões tomadas no coletivo. Encaixa-se em um conceito mais abrangente de uma sociedade ideal.” (CARLSON, 2008, p. 46).

Consequentemente, se as ações dos cidadãos forem devidamente fomentadas e administradas, as comunidades podem canalizar a energia das pessoas que querem fazer a diferença para fortalecer os laços identitários com o lugar através de uma cultura próativa de cuidado.

Dentro deste contexto atual e enérgico, situa-se o movimento artístico, citado acima, a Bricolagem Urbana, objeto de estudo proposto pelo ARQMnese, em 2013, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV. A Bricolagem Urbana tem como proposta instigar cidadãos desinteressados, aqueles que apenas usam o espaço urbano, a interagirem ativamente com o lugar onde vivem. Por meio de ações temporárias visam despertar o engajamento. No entanto, pode-se dizer que esse engajamento dos indivíduos não acarretará somente em melhorias materiais, como criação e manutenção de equipamentos urbanos, mas uma relação de afeto com o espaço em que se vive também interfere na força da identidade local e na qualidade de vida.

A presente disseminação de uma cultura global desestimula a identificação geográfica simbólica, substituindo o lugar físico pelo lugar virtual. Porém nas intervenções artísticas de Bricolagem Urbana há uma estimulação inversa, a arte propõe a resignificação dos espaços e a reconstituição imaterial de símbolos. Segundo Cassirer, os símbolos são elementos “chave” para natureza do homem (CASSIRER, 2001). Um dos objetivos das obras de Bricolagem é a incitação de espaços simbólicos, e, é nesse espaço simbólico ou espaço abstrato que o homem se diferencia de qualquer outra forma de vida. O autor afirma que neste espaço abstrato “não estamos lidando com a verdade das coisas, e sim com a verdade de proposições e juízos.” (CASSIRER, 2001 p.77). O lugar além do espaço. É no espaço abstrato que Bricolagem se dá, seus acontecimentos espaciais tangem os juízos humanos. São as proposições e juízos que configuram o conceito chave da arte em questão, a matéria de troca entre a obra e os usuários do espaço urbano.

O grupo ARQMnese, dentro do projeto de pesquisa e extensão de Bricolagem Urbana, vem desenvolvendo alguns trabalhos desde 2013 que procuram promover a ideia do “Do It Yourself”, em Viçosa, Minas Gerais. A primeira proposta do grupo surgiu a partir das seguintes questões: o Brasil é um país essencialmente urbano,

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus | vnomads@sc.usp.br

aproximadamente 85% dos brasileiros vivem hoje em áreas urbanas. Segundo Censo do IBGE (2010), Viçosa tem 6,7% de sua população vivendo em área rural, ou seja, uma cidade essencialmente urbana. Portanto, preocupa-se com a cidade é preocupa-se com a maioria da população urbana municipal.

O movimento de Bricolagem Urbana propõe ações de apropriação do espaço público pelo carinho, em contrapartida às apropriações que se dão a partir da revolta e do vandalismo. Exemplos disso são obras como *Le Pass' Quand Je Veux*, Paris, 2011 de Elise Texier e Aurore Laulanet, ou *Projet Nid de poule*, também em Paris, 2009 de Juliana Santacruz Herrera. No primeiro, uma *performance* onde as artistas construíram uma faixa de pedestres de tecido portátil a qual era desenrolada antes de atravessar a rua em locais de sua escolha. No segundo a artista teceu pequenos retalhos de tapeçaria para cobrir os buracos da calçada num ato que simultaneamente destacou as falhas de infraestrutura e embelezou o espaço urbano. O que se percebe nessas ações temporárias é uma tentativa de despertar a população da apatia em relação à dureza da cidade através de propostas gentis; ou seja, propor a apropriação de espaços públicos a partir da sensibilidade e de um senso de comunidade. Essas ações necessitam, no entanto, de planejamento, coordenação e de um estudo conceitual que as respaldem. Foi com estas questões em mente que surgiu a ideia da ação #VemPraFeira. Com o *slogan* "Amo a Feira" a ação propôs um conjunto de gentilezas que reforçassem a importância da feira em Viçosa, MG. A feira livre de Viçosa foi ameaçada. Ela começou em 1967, na praça da Igreja Matriz. Passou a ser realizada na Avenida Santa Rita, uma via principal localizada no centro da cidade, lá se tornou um evento semanal simbólico da cidade, muito frequentado tanto pelos viçosenses quanto por estudantes e moradores dos arredores. No entanto, em 2010 foi transferida para uma localização menos arterial, e hoje acontece em um estacionamento ao lado do Fórum Municipal. Essa mudança na localização foi polêmica e malvista pela maioria dos feirantes. Por ser um acontecimento representativo das relações urbanas, a feira foi escolhida pelo ARQMnese como local apropriado para receber uma ação de bricolagem.

A ação #VemPraFeira teve início na pesquisa sobre feiras livres em municípios de pequeno e médio porte, feita pelas alunas da graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFV, Dafhini Aline Grego Pereira (bolsista ProCultura em 2013) e Sarah Alves Toledo. Em seguida, foi organizada uma conversa de conscientização dos participantes voluntários sobre a história da feira de Viçosa e de proposição de um plano de ação que consistiu de três equipes de intervenções simultâneas no horário da feira, participaram também desta ação os alunos Caio Magalhães Castriotto e Gelsner da Silva Penha (bolsista PIBIC 2013-14). Três grupos trabalharam concomitantemente: "travessias seguras", "deixe que eu leve a sua compra" e "dando ouvidos a quem feira".

Quando a feira foi realocada para um bolso na malha urbana, o trânsito na Avenida Santa Rita melhorou. Os carros ganharam ainda mais poder e as faixas de pedestre ficaram mais apagadas. A equipe "travessias seguras" teve a corajosa e carinhosa função de lembrar os motoristas de pararem e permitirem os pedestres oriundos da feira a atravessarem carregando suas compras pesadas. Lembrando-os que ali ao lado estava acontecendo algo valioso. Embora os motoristas não tenham que mudar seu curso por conta da atual localização extra-trânsito da feira, eles podem escolher dirigir com mais cuidado aos sábados deixando os feirantes atravessarem com segurança. A equipe usou placas de "pare" e "Amo a feira", assim como distribuiu adesivos "Amo a Feira" e um panfleto com a história resumida da feira de Viçosa.

Enquanto isso, outro grupo munido de sacolas de pano gentilmente oferecia aos feirantes para depositarem suas compras na sacola e serem acompanhados por um carregador particular. Conhecer a rota de um feirante e suas relações realça a

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus | vnomads@sc.usp.br

integridade da feira. Carregar compras de um estranho estreita os laços urbanos. As sacolas eram doadas aos feirantes após o fim de suas compras para reuso. A última equipe consistia na simples ação de ouvir.

A feira de Viçosa possui aproximadamente 170 feirantes, que comercializam diferentes mercadorias. Eles fazem da feira um momento vivo. Ouvi-los foi um ato de sensatez, uma experiência de sensibilidade. Todos os feirantes foram contemplados com adesivos "Amo a Feira" e um folheto de agroecologia desenvolvido pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata.

De forma geral, o evento foi bem aceito pela comunidade viçosense, e também bem aceito pelos participantes. Para alguns voluntários, foi o primeiro contato com a feira e marcou favoravelmente sua relação com a mesma. O evento contribuiu para construir uma identidade positiva da feira e reforçar o seu valor histórico-cultural.



Uma iniciativa dos adolescentes da Rebusca e da Igreja Presbiteriana de Viçosa e do grupo ARQMnese - UFV

Fig. 1: Adesivo distribuído durante a ação a todos que passeavam pela feira. Fonte: Autores.

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC

www.nomads.usp.br/virus | vnomads@sc.usp.br



“Feiras livres são mosaicos.
São espaços em que as
multiplicidades se manifestam
e se completam”.

- As feiras livres são importantes acontecimentos das relações urbanas, são abertas à cidade e levam vida às ruas. Elas ocupam o espaço público, facilitando a convivência entre pessoas de realidades diferentes, o que proporciona a vivência da cidade.
- A feira de Viçosa começou em 1967.
- Aconteceu primeiro na Praça da Igreja Matriz, e depois na Avenida Santa Rita, e, em 2010 foi transferida para a Rua Nossa Senhora das Graças, ao lado do Fórum.
- São aproximadamente 170 feirantes, que comercializam diferentes mercadorias.
- Os itens vendidos são produzidos por famílias ou pequenos agricultores que, trabalhando em pequena escala, fornecem alimentos saudáveis e frescos.

#VenPraFeira

Uma iniciativa dos adolescentes da Rebusca e da Igreja Presbiteriana de Viçosa e do ARQMnese - UFV

ArqMnese



Fig. 2: Panfleto distribuído na ação. Fonte: autores.

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus| vnomads@sc.usp.br



Fig. 3: Ação #VemPraFeira. Fonte: Toledo, S. A.



Fig. 4: Ação #VemPraFeira. Fonte: Toledo, S. A.

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus| vnomads@sc.usp.br



Fig. 5: Ação #VemPraFeira. Fonte: Toledo, S. A.



Fig. 6: Ação #VemPraFeira. Fonte: Toledo, S. A.

Outro trabalho executado pelo ARQMnese relacionado à Bricolagem Urbana foi “Mesa de Chá”, em 2014. Este trabalho fez parte da exposição “O simbólico e o tempo na concepção formal” proposta pela disciplina de Plástica II do curso de Arquitetura e Urbanismo. Ao todo a exposição teve sete trabalhos expostos, no entanto, “Mesa de Chá” foi o único a propor uma ação relacionada à gentileza urbana, já que os alunos que a executaram estavam envolvidos no projeto Bricolagem Urbana (Victor Brandão Motta, Alice Zarantonelli Ildefonso, Júlia Marim Mitre, Luisa Couto Chaves Santos, Vinicius Pereira Corrêa e Marcela Figueiredo Fonseca).

No caso de *Mesa de Chá*, o foco foi a constante movimentação no espaço público que pode alienar o indivíduo de si, do seu redor e da percepção do espaço a sua volta, com suas possibilidades de apropriação. Tomando a pressa como mote, os alunos adotaram a emblemática figura do Coelho de “Alice no País da Maravilhas” de Lewis Carrol. A pressa, fator constantemente presente na vida contemporânea, em especial em malhas urbanas, é algo extremamente presente no lugar escolhido para a instalação. A “reta”, como é conhecida, a via principal de acesso ao campus da UFV, é um lugar de pressa. Assim como o Coelho em *Alice no País da Maravilhas* os que passam pela “reta” também tendem a estar atrasados e preocupados com horários – horários de provas, trabalhos, apresentações, estágios, etc.

Os alunos propuseram então criar um espaço de pausa, de contemplação, um espaço gentil em meio à pressa da reta. Utilizando a obra de Lewis Carrol, o grupo propôs uma releitura da cena do *desaniversário* que ocorre em uma mesa de chá quando Alice é interrompida em sua busca pelo Coelho para comemorar o, até então, *incomemorável*. Segundo Arnheim (2005), a sociedade dota de significado simbólico o acontecimento concreto. Dessa forma, a mesa surgiu como formalização de uma ideia que seria apenas concretizada na experimentação do indivíduo, quando este denotasse um significado ao objeto. Deslocada de seu lugar comum, a mesa provoca nas pessoas um estranhamento inicial, gera uma pausa, uma interrupção da realidade que se transforma em reflexão sobre o espaço e o tempo.

Os materiais utilizados para a execução do trabalho foram extremamente simples e de fácil obtenção em acordo com os princípios *Do It Yourself*. Foram usados caixotes reciclados como bancos e como a própria mesa. Sobre a mesa os alunos colocaram pães, biscoitos e sucos, os quais foram repostos algumas vezes durante a instalação. Ao longo do caminho, na “reta”, nas proximidades do trabalho, os alunos colocaram pequenos cartazes com os seguintes dizeres: “Conta o tempo”, “Contra o tempo”, “Contratempo” e “Encontra o tempo”. Tais frases funcionaram como um convite à mesa e, sobretudo, um estímulo para uma possível reflexão sobre o ritmo de vida de quem passasse por lá.

Sobre a mesa havia um caderno de presença com a frase “Passou um tempo aqui...?” estampada em sua capa. O propósito era verificar e registrar aqueles que por ali passaram e usufruíram da intervenção não sendo necessária a interação com os idealizadores da obra. Tal distanciamento entre o executor e expectador-ativo foi pré-definido para evitar qualquer constrangimento ou indução do uso do espaço e seus elementos.

O resultado surpreendeu o grupo e ultrapassou as expectativas existentes em relação à interação e a sensibilização dos que participaram na obra. O caderno de registros que começou com simples assinaturas e datas se desdobrou em depoimentos, poesias e desenhos. Expressões diversas de compreensão e gratidão fizeram com que houvesse a prolongação da duração do trabalho, por mais dois dias. Algumas das inscrições poéticas que se destacaram foram: “Existe amor em tudo, abra-se para ele.” e “Encontra o tempo/ quem é contra o tempo/ Portanto há contratempo/ pra quem conta o tempo/ tic, tac.../ tac, tic...”.

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus| vnomads@sc.usp.br

Ernest Ficher procura decifrar as causas que fazem a arte essencial para a humanidade. Ele intitula de *homem completo* aquele que anseia quebrar a individualidade a fim de chegar a uma plenitude, atingindo um mundo mais compreensível e com significação. O modo pelo qual a "Mesa de Chá" proporcionou um momento de sublimação humana foi devido à crescente curiosidade e fome que o indivíduo teve em quebrar a individualidade e unir o seu *self* a uma coletividade social, que mesmo lhe sendo exterior não deixou de ser constituído de sua essência. Assim, através de arte, gentileza e poesia, a instalação proporcionou uma experiência nova e uma possibilidade diferente de interação e troca.

Fig. 7 a 9: Mesa de Chá. Fonte: Motta, V.



V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus | vnomads@sc.usp.br



Vê-se nesses dois trabalhos, portanto, que a Bricolagem Urbana surge agregando dois aspectos relevantes da cultura contemporânea: a postura ativa dos cidadãos não somente expectadora diante da problemática urbana das cidades; e, o fortalecimento da identidade local enfrentando os desafios de uma realidade global cujos padrões estéticos e de estilo de vida estão submersos na globalização.

Este projeto continua em desenvolvimento pelo ARQMnese e visa uma interface com a investigação das manifestações temporárias de apropriação do espaço público. Sendo o cotidiano das cidades produto de uma pluralidade de vozes e discursos que convivem e se justapõem formando uma malha extremamente complexa, resultado de tantas apropriações e desapropriações de discursos/espacos, muitas vezes a arte mostra-se como rara e legítima expressão do espírito da época. Sendo a Bricolagem Urbana uma arte propositiva e intencionalmente questionadora das relações dos usuários no/com o espaço, ela visa repensar *para quem* é a cidade, *quem* tem ou não o direito de ação e expressão, partindo do conceito de que a possibilidade de expressão do indivíduo no meio em que este desenvolve suas atividades cria uma identificação/relação que pode fortalecer o sentido do lugar.

Os desafios de manutenção da infraestrutura urbana, de convívios pacíficos, da produção e escoamento de lixo, entre outros problemas crescentes, mostram-se desenfreados e as soluções tradicionais por vias governamentais e de sistemas políticos estão falhando. Sendo a arte contemporânea reconhecida por sua forte defesa da conceituação e questionamento da realidade, encontrou nesta lacuna da problemática urbana vastas possibilidades de ação, principalmente nas relações dos indivíduos com as suas cidades. A dinâmica da cidade é pertinente a todos os que convivem com as consequências de suas transformações. Espera-se que estas



avaliações e trabalhos contribuam na busca de maneiras eficazes de se tratar mais profundamente os problemas das cidades contemporâneas, investindo para influenciar positivamente na relação do cidadão com a realidade espacial da malha urbana através de uma relação de cuidado e identificação.

Referência

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARLSSON, C. **Nowtopia: how pirate programmers, outlaw bicyclists, and vacant-lot gardeners are inventing the future today**. K PRESS - USA, 2008.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem – Introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

DEBORD, G. **Teoria da deriva**. Texto publicado no nº 2 da revista Internacional Situacionista em dezembro de 1958. Disponível em <<http://www.agbsaopaulo.org.br/node/109>>. Acesso em 18/04/2013.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1955.

GENTILE, T. **What is DIY culture?**. Em < <http://www.scoutiegirl.com/2011/02/what-is-diy-culture.html>>. Acesso em 18/04/2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em < <http://censo2010.ibge.gov.br/> >.
Acessado em 18/04/2013.

JACQUES, P. B. **Corpografias urbanas**. *Arquitextos*, São Paulo, 08.093, Vitruvius, fev 2008 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em 18/04/2013.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Blackwell. 1992.

PALLAMIN, V. **Arte Urbana: Obras de caráter temporário e permanente**. São Paulo: Região Central (1945-1998). Apoio: FAPESP, 2000. *E-book*, disponível em <http://www.fau.usp.br/fau/ensino/docentes/deptecnologia/v_pallamin/arte_urbana_livro.pdf>.

SCHULZ, S. H. **Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. P.184.

VARNELIS, K. **Networked Publics**. e-book situado em <networkedpublics.org>, EUA, 2006. Acesso em 18/04/2013.